

[Transcript] TSF - Minoria Absoluta - Podcast / A Europa e os jovens, Marcelo e Costa. A análise com André Abraão e Daniel Ferreira

Foi uma semana de viagens para os políticos portugueses, Marcel Rebelo de Souza e António Costa estiveram em Espanha para a entrega do Prémio Carlos V a António Guterres. Jantaram juntos, mas ficou por esclarecer se o jantar serviu ou não para fazerem as pazes.

Marcel seguiu depois para a Estrasburgo a convite da Presidente do Parlamento Europeu, abertamente de sola, fetejou o dia da Europa a 9 de maio e discursou também para entre os EUA.

É isso o tema central da minoria absoluta com o André Abréu e o Daniel Ferreira, numa Europa que se quer cada vez mais para os jovens e é este mesmo o nosso ponto central do programa de hoje, André, começo suportivo, o que é que representa a União Europeia nos dias de hoje para os jovens.

O projeto europeu ainda é uma aposta-ganha.

Viva, antes de responder à tua questão, que é uma excelente questão e vem em boa hora tendo em conta a celebração do dia da Europa no dia 9 de maio, de 1950 a Robert Schumann em cima de declaração, mas antes disso é chamar-me de cumprimentar-te, Francisco e o Daniel e a todos e a todas as nossas ouvintes em casa.

Em Europa, quer dizer, há uma base de valores fundacionais da União Europeia que nos dizem tudo tendo em conta aquilo que é a nossa constituição aprovada em 1976 e os ideais da democracia, da paz, da solidariedade, da igualdade são valores que subjazem a nossa democracia constitucional e subjazem também aquilo que é a opinião do maior parte dos nossos portugueses.

Para os jovens, quer dizer, as medidas que na União Europeia foram aprovadas e implementadas depois do nosso país tiveram um impacto estrondoso, podemos falar do irásmos, do ponto de vista educacional, que abriu portas das universidades portuguesas e não só também das universidades estrangeiras, abriu Portugal para o mundo.

Mas os sentimentos que os jovens hoje têm essa perceção, ou seja, que a União Europeia acabou por mudar o país.

Há um ponto interessante porque isto também acontece um pouco com o sentimento democrático e com a democracia, que estando habituados ao impacto de que a União Europeia vai tendo, como estamos habituados a ser livres, a viverem democracia e poder votar, acabamos naturalmente por quase desvalorizar aquilo que é o papel da União Europeia, mas os nossos ouvintes do interior, principalmente, nenhum deles é capaz de criticar a União Europeia na sua ação, desde logo os fundos de coesão, as estradas, infraestruturas essenciais em cada município, falo de piscinas, falo de campos de futebol, falo de escolas, falo de hospitais, tudo isto foi possível pela União Europeia, em muitos territórios do interior, porque só adotá-remos um critério meramente económico, como muitos fazem querer em termos populacionais,

em termos de valor acrescentado para os territórios, acho que o nosso país, metade de nosso país, neste momento estaria vazio e a União Europeia teve um papel absolutamente fundamental.

É uma boa deixa para a entrada em cena do Daniel, Daniel, celebrar a União Europeia e também celebrar a democracia.

Bom, antes de mais, queria só dar-me a preferências que André, é sempre um prazer vir aqui e falar um bocadinho ao programa, acho que houve motivos próximos à data do dia da Europa

[Transcript] TSF - Minoria Absoluta - Podcast / A Europa e os jovens, Marcelo e Costa. A análise com André Abraão e Daniel Ferreira

mais importantes para se celebrar do que propriamente a União Europeia, por exemplo, da vitória sobre o nazifastismo na Europa.

Quanto à União Europeia, em si, eu acho que não há grandes motivos para celebrar.

O chamado projeto europeu é algo muito contraditório, cujas contradições se têm tentado resolver cada vez com mais integração, criando ofres problemas, cuja solução proposta é novamente mais integração.

Isto acontece não porque os povos são muito diferentes uns dos outros e porque os povos nunca se podem unir, até porque eu da minha posição política seria um bocadinho hipócrita e dizer que os povos nunca se podem unir, porque isso está um bocadinho...

Mas não vejo valências na União Europeia, ou seja, não foram criados até escalhar alguns projetos que vieram dar um novo rumo a Portugal?

Bom, é certo que houve muita coisa que a União Europeia trouxe de positiva, eu acho que não é preciso dizer aqui muito para além das estradas, toda a construção de infraestruturas que Portugal tinha muito atrasadas e também desse tema o André já abordou, agora a questão é a custa do que é que isso foi conseguido?

A União Europeia não fez por caridade ou por bondade, a União Europeia fê-lo com os seus objetivos e a verdade é que os povos acabaram por pagar uma fatura sobre essa integração que no nosso caso aconteceu com o espratelhamento completo do aparelho produtivo nacional, com Portugal a tornar-se, pronto, mais um mercado palmanho, um país fundamentalmente do setor de terciário, ultra-dependente do turismo, embora muita gente acuse mais certos governos que também têm a sua contraparte de responsabilidade por isso ter acontecido.

Eu penso que a entrada no mercado comum, especialmente na moeda única até mais, tem virado o Portugal muito para esse rumo, é certo que houve outros programas e há programas hoje em dia que não sentem palpáveis no nosso dia a dia, existem que pretendem aproximar, especialmente os jovens da União Europeia, como é o caso talvez o mais conhecido seja o Programa Erasmus.

Que permita a mobilidade dos estudantes universitários por vários pontos do país, fiz este Erasmus? Fiz, sim.

E não descentiste mais o Europaista depois de fazer este Erasmus.

Fiquei a sentir um euro cidadão, talvez não tenha aproveitado muito, porque foi no primeiro semestre do ano letivo 2021.

Durante a pandemia, portanto.

E não foi muito agradável, acabei por, o país foi França, já agora eu acabei praticamente a falar inglês, porque a minha vida era basicamente só na faculdade, também não pedia.

Da experiência que tens também de outros colegas, por exemplo, não sentes que o Erasmus é um programa fundamental para os jovens portugueses?

Sinto mais que os jovens ficam agradados por, muitas vezes são jovens que não vão muitas vezes ao estrangeiro e podem finalmente ir, podem finalmente conhecer outra cultura, conhecer outra língua, mas eu não acho que tenha tido o impacto de fazer com que as pessoas se sintam a mais europeias e mais próximas aos outros pobres.

Pelo menos é a sensação que eu tenho, lá sai, eu não sou o CEO dos jovens e portanto não posso falar para todos.

Mas seria um bom CEO dos jovens.

[Transcript] TSF - Minoria Absoluta - Podcast / A Europa e os jovens, Marcelo e Costa. A análise com André Abraão e Daniel Ferreira

André, Marcelo Baldeçosa discursou no Parlamento Europeu, como eu disse há pouco, discursou na quarta-feira e nesse discurso ele pediu também uma mudança geraucional, uma aposta nas juventudes, foi um dos oito desafios que o Presidente da República lançou para os próximos anos da União Europeia.

Pergunte-se, isto mostra que as instituições europeias também precisam de uma mudança. Sem dúvida.

E aqui também, para ir um bocadinho de encontrar aquilo que o Daniel acabou por referir, ele levantou um ponto que é verdadeiro e é realmente factual.

A União Europeia também é toda em si uma construção.

Nós quando aderimos, a organização, a comunidade para a estadual de direito que aderimos, não era a União Europeia, era a comunidade econômica europeia.

E portanto nós temos também, no início, claro, convandos fundacionais com uma paixão democracia, mas muito mais virados para a questão econômica e para a integração econômica.

E desde o Tratado de Maastricht, podemos dizer que temos uma alteração daquilo também que é o paradigma da União Europeia e hoje vai para lá, vai muito para lá, que são as questões econômicas, orçamentais e financeiras.

E a tendência tem sido essa, temos o next generation EU, que foi um importante apoio para a recuperação da pandemia, a solução de vida conjunta, isto são, diria, medidas que vão combater muito esta ideia de que a União é realmente uma União financeira e econômica e é cada vez menos isso, cada vez mais uma comunidade de valores.

Por isso é que eu falo, e por isso é que nós falamos tantas vezes na importância de integração europeia, porque a integração europeia é principalmente para afastar esta ideia de que somos uma União meramente econômica, irmos mais longe na educação, na saúde, mas isso já aconteceu, porque as diretivas, os regulamentos, outros atos normativos que saem da União Europeia afetam, diria, largamente aquilo que é a nossa construção jurídica, o nosso trabalho parlamentar, o trabalho do governo, um exemplo, vamos voltar lá mais já feito, mas a agenda do trabalho digno, a agenda do trabalho digno cumpriu uma série de diretivas, transpôs uma série de diretivas que foram aprovadas na União Europeia e trouxe ganhos verdadeiros pós trabalhadores e, portanto, a União Europeia é cada vez mais esta comunidade de direito e é aí por isso que eu acho que nós devemos prognar.

Queres responder, Anne Daniela, antes de voltarmos ao discurso de Marcelo?

Sim, sim, bom, eu acho sempre engraçado quando se fala dos valores europeus, porque se é certo que, e mesmo sendo um bocadinho discutível, durante grande parte de existência do projeto europeu, até quando era mais uma união apenas econômica do que uma união chamada política aí.

Uma união política, união de estados, direito também, um corpo direito construído.

Pronto, e é certo que a maioria da era, a União Europeia e até a CEE era constituída pelas chamadas democracias plenas, democracias liberais, no entanto temos visto nos últimos anos e apesar de todas as sanções e das tentativas da aproximação países que têm rumos muito diferentes e que muitas vezes até são sancionados, mas se não respeitarem uma certa direita econômica do que se não respeitarem uma certa direita à nível dos valores e a nível do seu estado de direito.

Agora, também é certo que a União Europeia tem compromissos externos com, por exemplo, um funcionato que de certa forma acabam por amarrar os países a um conceito de certa forma liderança do mundo com a qual eu não me identifico e na qual eu não vejo que possa existir uma união realmente democrática e em prol dos povos.

Voltamos então ao discurso.

E o pequeno dito de fazendo um ponto com a questão, realmente é de mais de um ponto de vista estratégico, é verdade que há esta aliança, mas eu diria que a grande parte da população portuguesa inota-se também pelo impacto que tem nos partidos, concorda com este alinhamento estratégico do ponto de vista geopolítico internacional, diria o que a grande parte da população portuguesa vê no mundo ocidental uma maior proximidade desde logo de valores, não é perfeito, como nós sabemos, do que no mundo oriental, falo da Rússia, falo da China e outras potências, mas fazendo esta ponta é realmente muita coisa para mudar e levantar-se de um ponto que é essencial.

Mas as instituições estão estagnadas?

Eu diria que não.

Foi tão ali isso que Marcelo Reval de Souza queria dizer.

Formas interessantes, mas as grandes formas que tenho tomada não foram tomadas.

O exemplo que o Daniel estava a falar é paradigmático, nós temos os critérios do Copiniaga que definem se um país pode aderir a União Europeia, se pode vir a ser um Estado Membro, mas temos outros países que se talvez fossemos fazer essa análise de critérios Copiniaga, ou dia 2 não podia unitar, mas já lá estão, mas não existe nenhum método para expulsar para estados membros da União Europeia, isso é uma reforma que nós poderíamos pensar, porque realmente não podemos ter este tipo de países, como falo por exemplo da Polónia, falo da Hungria, com estados de direito democráticos, que já nem são, estão subvertidos, ainda não uniam, mas quantas reformas, há uma reforma para mim essencial e vai muito de encontro àquilo que Marcelo falou e que vai aproximar os jovens, é questão da democracia europeia.

E permito-me aqui dizer que nós desta semana vimos um conjunto de documentadores a falar do caso de Costa e de Marcelo e vinha sempre a conversa das eleições europeias, secundarizando ou estressarizando, são eleições, são sondagens para o governo, bem o que vamos perceber como se o Partido Socialista ou o PSC estavam ao mal, é nas europeias, como se fossemeras sondagens para o governo.

É uma conversa que já vem de algumas semanas para cá.

Vem de algumas semanas?

Sim, Marcelo.

E vai se intensificar com a aproximação das eleições, mas isto tem, este paredimento tem que alterar, a comunicação social tem que ser cada vez mais...

Tanto o Len como são bens já disseram que as eleições europeias não serão um espalho do país, até porque muitas vezes as eleições europeias servem para dar um cartão amarelo ao governo, ao partido que está no governo.

Pois, é a leitura política que os atores fazem, mas não deviam fazer porque têm uma importância própria e eu acho que nós enquanto jovens, enquanto democracia europeia, temos que pensar como é que nos aproximamos de adornos europeus e isso passa para reformar

o sistema eleitoral, tornar as eleições cada vez mais europeias.

É uma forma de tornar também a abstinção menor, tanto enquanto as eleições europeias têm uma abstinção muito, muito...

Sem dúvida, eu diria que talvez num primeiro momento a reforma europeia, isando as eleições, portanto sendo os partidos políticos europeus a participar diretamente nas eleições e não os partidos nacionais, porque um deputado, um era deputado, o CDS e o PSC, pretensão é mesmo grupo político e é preciso desvendar isto, é preciso que as pessoas percebam isto e este tipo de reformas podem por um lado causar este problema da abstinção, porque as pessoas não estão muito ligadas à Europa, mas a médio longo prazo vai resultar nesta questão da integração europeia e isso para mim é absolutamente fundamental, mas deixa-me dar-te uma nota, a abstinção tem vindo a diminuir nas eleições para o União Europeia. Mas sim foi feito um grande trabalho, principalmente em 2019, para apelar até aos jovens para que fossem votar com vários programas, por exemplo, desta vez eu voto e na verdade não houve assim uma diferença tão grande comparando com as eleições anteriores.

É verdade, mas a tendência ou a ideia que nos mostram de que a União Europeia está definhá-la e que as eleições são cada vez menos participadas, os dados não mostram precisamente do contrário, a abstinção tem vindo a diminuir e eleição para o Parlamento Europeu, eleição para o Parlamento Europeu.

Daniel, no discurso do Marcelo Belde-Sosa, o presidente da República disse até que se os jovens europeus se sentirem afastados das instituições e os populismos e movimentos anti-sistêmicos crescerem, isso também é culpa dos políticos, concorda com estas palavras do presidente?

Bom, obviamente que tudo o que acontece no mundo da política tem pelo menos uma conta parte de responsabilidade dos políticos e nesse aspecto não vejo nada na declaração do Marcelo Belde-Sosa com que eu...

Você vê principalmente com a questão das instituições europeias e de hoje os extremistas mostram a crescer muito até nas eleições europeias e é previsível que Portugal também passa a ter deputados no grupo da extrema-direita a partir de 2024.

Sim, sim, eu já diria mesmo que não sendo uma certeza, é quase uma certeza que isso vai acontecer também em Portugal, mas sim acho que as instituições europeias estão muito separadas das pessoas, acho que não estou aqui a descobrir a pólvora é algo que toda a gente sabe, mas claro que os problemas de fundo vêm de muito mais do que apenas as instituições europeias, se nós olharmos para as eleições nacionais também quase que não há fora um ou outro país devido ao seu sistema eleitoral, países onde nas eleições europeias as pessoas votam muito em partidos populistas ou em partidos de extrema-direita ou quer que seja e depois nas eleições nacionais não o fazem.

Portanto, se a gente colocar os jovens no centro da ação política, não só na União Europeia, mas também em Portugal.

Globalmente, bom sim é evidente porque os jovens são o futuro, são também uma parte importante das classes trabalhadoras, as quais eu tanto costumo apelar, mas aqui se me permites voltar um bocadinho atrás, acho que aqui em relação a participação nas eleições europeias é menor e claro eu não conheço o caso país a país, mas pelo menos em Portugal é notoriamente menor até às vezes há uma certa sensação quanto mais próximo o poder

está das pessoas, mais as pessoas votam, ou seja, votam mais nas autárquicas, depois nas legislativas e depois se não as europeias aqui as presidenciais fogem um bocadinho a regra sim e acho que a maior prova de que a União Europeia está afastada de cidadãos é mesmo, ou pelo menos uma dessas provas é o grau da presidência, porque eu não vou estar aqui a dizer e também não sou hipócrita nem mentiroso para estar aqui a dizer isso, que os portugueses não gostam da União Europeia, que os portugueses queriam estar fora. Agora, o que eu vejo é que do meu ponto de vista e isso tem muito mais a ver com a sensação de que a União Europeia nos sustenta, que especialmente desde que entramos no mercado comum é maioritariamente verdade, e se Portugal saísse hoje da União Europeia seria muito difícil conseguir sustentar, só pelo menos manter um modo de vida semelhante ao que tem hoje.

É isso?

É um facto?

Reconheço isso agora, a questão é por que é que chegamos a esse ponto e por que é que estamos tão dependentes da União Europeia e por isso eu vejo um rumo inverso que tem que ser feito.

Agora, enquanto esse rumo não é feito, aquilo que as pessoas sentem muitas vezes no dia-a-dia é que, bom, nós temos dinheiro por causa da União Europeia, por causa dos turistas que vêm da União Europeia, por causa das importações e exportações e das trocas comerciais com outros Estados-membros da União Europeia e acho que o europeio, dos portugueses

e dos países menos ricos da União Europeia, vem muito mais de iduque de qualquer tipo de sentimento ou de identificação com valores comuns.

Já que falas em europeísmo, de facto, o discurso do Marcelo Rebelo de Sousa foi muito europeísta, isso deixou descontente.

O presidente até a certa altura disse que Portugal estará sempre na primeira linha de defesa da Europa e da União Europeia.

Eu acho que...

E acentuou até, mas antes numa conferência de imprensa com o Roberto Amé de Sola, que a estabilidade de Portugal em relação à União Europeia não tem que ver nem com primeiros ministros nem com presidentes da república.

Sim, eu acho que há aqui um erro muito comum e que também dá algum jeito e que, de certa forma, o senhor presidente da república também acumeteu que é confundir a Europa com a União Europeia.

A Europa não é a União Europeia, nunca foi a União Europeia a uma entidade, sim, que está na Europa, sim, com os títulos europeus, sim, mas são coisas diferentes.

Marcelo Bousosa fala das duas coisas na linha de frente, tanto na Europa como na União Europeia.

Como na União Europeia, sim.

Mas, pronto, depois nós podíamos aqui estar a discutir se o conceito da Europa é o conceito geográfico, se é o conceito económico, se é o conceito geopolítico, porque há concessões diferentes daquilo que é a Europa, sim, de valores também, por exemplo, e por isso eu acho que é muito óbvio aquilo a que Marcelo Bousosa estava a apelar.

[Transcript] TSF - Minoria Absoluta - Podcast / A Europa e os jovens, Marcelo e Costa. A análise com André Abraão e Daniel Ferreira

Agora, pronto, também não há aqui que pintar quem critica a União Europeia como ela está construída e há aquilo, o rumo que está a dar à Europa, com aquilo que tem que ser a Europa, com aquilo que tem que ser os valores europeus e, pronto, acho que...

André, Marcelo Bouslosa teve o discurso que deveria ter tido no Parlamento Europeu, um discurso totalmente europeísta.

Sem dúvida, eu continuo a achar e permito-me partilhar isto.

Em grande parte dos problemas que nós vivemos em Portugal são problemas que são replicados um pouco por toda a Europa, nas grandes capitais, em Paris, em Roma, em Madrid, problemas com uma habitação que os jovens que se deparam, o problema da precariedade, são problemas que se replicam um pouco por todas as capitais europeias e um pouco por toda a Europa. Isto são desafios, que são verdadeiramente desafios geracionais, que ultrapassam fronteiras, têm muito também que ver com modelos económicos, podemos discutir isso com sistemas económicos,

e toda esta reforma, todo este novo pensamento que uma geração tem que ter para enfrentar os seus problemas e para os resolver, tem que ir um bocadinho mais além das nossas fronteiras, temos que pensar em soluções, temos que pensar em didas que sejam cabranjos em vários países, que consigam obter um consenso generalizado, porque realmente como tu diz, nós quisermos reformar a escola pública, teremos estar em linha também com o que foram reformas da escola pública da União Europeia, porque nós estamos inseridos também nesse sistema, num sistema cada vez mais globalizado, europeizado, de ensino, a saúde, a mesma coisa, temos tantas relações, temos tanta proximidade com a União Europeia, que todas as reformas, todas as soluções sejam pensadas, têm que realmente partir da Europa e têm que também ter o nosso contributo para a Europa, porque eu acho que é tão importante as eleições europeias, são as eleições para o Parlamento Europeu, temos que nos aproximar do Parlamento Europeu, temos que pensar em modelos de participação semidireta para que a próxima os cidadãos, as iniciativas legislativas que estavam pensados, os cidadãos, eram um programa muito bem pensado, só que nenhuma foi aplicada pela burocracia existente, temos que reformar o sistema eleitoral, há tanto por onde pegar e tanto por fazer, a minha resposta é mesmo esta, mais integração europeia, mais trabalhos no União Europeia.

Deixa-me voltar ao discurso Marcelo Baldeçosa, até porque há outro ponto de que gostava de ter o documentário, isto porque Marcelo Baldeçosa, ao contrário do que tinha feito há sete anos, no primeiro discurso que teve no Parlamento Europeu enquanto presidente, não falou do governo, nem teve uma palavra sequer para António Costa, isto mostra que numa altura de tensão e tensão bendible, Marcelo Baldeçosa também sequia distanciar do governo.

Em 2016, penso eu, quando Marcelo Baldeçosa esteve em Bruxelas, falou bastante da geringonça e disse várias vezes até que as instituições europeias podiam confiar em António Costa e nos parceiros de coligação, hoje nenhuma palavra para com o governo.

Poderíamos discutir-se realmente Marcelo, estava com algum tipo de orgulho frio e portanto não quis trazer a questão do governo a Bailand, mas a verdade é que também do ponto de vista de comunicacional e daquilo que foi a atitude presente da República, bem, eu acho que é um bom ponto que nós compararmos, a atitude que foi na altura da geringonça,

[Transcript] TSF - Minoria Absoluta - Podcast / A Europa e os jovens, Marcelo e Costa. A análise com André Abraão e Daniel Ferreira

em que tentou criar pontos e criar condições para termos um governo com acordo parlamentar estável e a atitude tem tido nos últimos meses de completa instabilidade de ser um aráquedas de graça.

Mas essa instabilidade é criada por Marcelo Baldeçosa.

Vamos lá ver, a instabilidade tem várias fontes, tem uma fonte claro do governo que são erros, mas que são erros, eu considero que se nós daqui a 10 ou 20 anos olharmos para trás e disséssemos, bom, dissolvemos uma asemlaia da República, o governo caiu com base neste erro, eu acho que nós tudo diríamos que estaríamos todos a pensar coletivamente a base disto.

Mas Marcelo não dissolveu a asemlaia da República.

Não dissolveu, mas a instabilidade criou, particular, dos erros do governo e que se tem, e diria eu até, são algumadores.

Falou vezes demais, Marcelo Baldeçosa, na possível difusão.

Em segundo lugar, a comunicação social também, permite que eu diga, tem feito um trabalho de desgastar o governo, mas é o papel da comunicação social, é o quarto poder, na falta da oposição desde logo à direita do outro entro partido do PSD, a comunicação social tem substituído, nós vemos isso nos comentários políticos que assistimos um pouco por toda a nossa televisão generalista, e depois claro, presente da República, um presente da República, não pode, mês após mês, semana após semana, vir falar de solução do Parlamento, vir dizer que um primeiro-ministro deve demitir ou que um primeiro-ministro não tem condições para continuar no cargo.

Mas o professor Marcelo é um constitucionalista, ele pega na concepção e que veja, a quem compete a competência para formar o governo e para escolher quem é que são seus ministros ou quem, quando saem ou quando entram, são atitudes que eu não consigo perceber de um Marcelo e entretanto faça essa questão em comparação com Jeringonça, em 2015 ou 2016, um Marcelo estabilizador de Pontes, em 2023, um Marcelo destabilizador, um Marcelo que, olha, não consegue manter a boca fechada.

Daniel, Marcelo de Souza também em Estragesburgo, acabou por admitir que Portugal tem muita influência junto das instituições europeias, principalmente António Costa e também o secretário de Estado, Thiago Antunes, mas não quis falar sobre uma possível lida de António Costa para um alto-carga europeu, António Costa pode ser uma versão de Durão Barroso, uma nova versão de Durão Barroso.

Bem, em primeiro lugar, eu não devedo que possa haver alguma influência portuguesa junto das instituições europeias, o que não há é uma influência do povo português, tal como dos povos europeus, nas instituições europeias e é isso que me preocupa mais do que o governo do meu país, seja o qual for ter lá ou não alguma influência.

Em relação à saída de António Costa e não querendo entrar aqui nos casos e casinhos, bem, eu acho que se não ficaria nada bem, António Costa agora, meio de um mandato com a maioria absoluta, depois dos tais casas e casinhos que se têm visto, sair do governo para a União Europeia e a partir daí, pronto, claro, que o presidente da República provavelmente também ficaria mais próximo de...

Em 2019, António Costa foi convidado para presidir ao Conselho Europeu, rejeitou esse convite na altura via até esse governo de coligação.

[Transcript] TSF - Minoria Absoluta - Podcast / A Europa e os jovens, Marcelo e Costa. A análise com André Abraão e Daniel Ferreira

Alegadamente.

Não, já foi confirmado por parte de António Costa, que teve esse convite.

Sim.

Em 2024 não seria uma melhor altura para sair, apesar desses casos e casinhos que falávais.

Bom, eu da perspectiva do partido silícito e da perspectiva de António Costa, acho que sim, acho que seria para ele a forma, digamos assim, mais digna de sair agora, não queria mesmo estar aqui a especularia.

Tiramos António Costa como de romba rosa, ou não acreditas nesses?

Eu cada vez mais, e já agora quem é que será o Santana Lopes?

Não, porque Marcelo Robledoso já disse que Santónio Costa se sair, vamos ter eleições.

De solver sim.

Eu cada vez mais, e olhando para a atuação de António Costa e a forma como tem lidado, crise após crise com o governo do país, eu estou a incri-o que António Costa tem descartado até pela sua atuação política, uma saída para a Europa.

Eu vejo que cada vez mais António Costa, como comparando, por exemplo, com a Merkel, com um capacidade para fazer um mandato executivo longuíssimo, eu não descarto de hipóteses. António Costa, depois de fim do mandato em 2026, que se recanidade e que seja novamente primeiro-ministro.

Seria o melhor para o PS?

Bom, e depois os militantes terão que decidir, naturalmente, quando chegar ao seu tempo. Mas não descarto dessa hipótese, porque realmente António Costa tem sido um líder, diria eu, um nânimo dentro do partido, ter andado algumas vozes discordantes, que é sempre normal num partido grande e democrático, não é?

Agora, sobre esta discussão nós temos que perguntar, para onde é que António Costa vai para a União Europeia?

Vá para o presidente do Parlamento Europeu?

Não.

Não, porque tem de ser candidato a Euro-Deputado e...

Precisamente.

Não é provisível.

Isso nunca se ocorrer, não é?

Vá para presidente da Comissão Europeia, poderia ser um cargo, mas nós, com a figura do Espírito Santo e de Candidate, António Costa tinha que ser o cabeça de lista, neste caso, do show social end-emocrates na União Europeia.

O Marlayan também não foi, não é por isso, não é presidente da Comissão Europeia.

Outro é que ser, ou não poderia ser, mas os tratados ditam que deveria ser assim, mas era preciso também, que o show social end-emocrates fossem majoritários no Parlamento Europeu, algo que a sondagem dizemos que não irá acontecer nas próximas eleições.

E depois também há a questão da competição, quer dizer, nós temos Pedro Sánchez, com grande probabilidade, irá descer, a deixar o seu cargo agora em Espanha para o final do ano e, portanto, também sendo presidente internacional socialista, poderá colocar-se sempre esta hipótese.

Realmente, o Conselho Europeu acaba por ser aqui o único espaço e há uma tradição

de serem incumbentes a assumirem o cargo do Conselho Europeu, mas pelos argumentos que já trouxe, eu acho que isso é uma hipótese sencilde cada vez mais afastada e que é alimentada sobretudo, parece-me, por uma certa direita ansiosa para voltar ao poder e que não colocou algo que é fundamental na sua cabeça, que é, o Partido Socialista foi eleito, tem uma maioria absoluta, doa a quem doer, permita o que eu diga assim, e vai ter que demorar e, em 2026, novamente, há eleições, preparem um projeto credível entretanto, porque é isso que falta atualmente e acho que é a grande razão pela qual Marcelo me solveu a Assembleia, em 2026, vamos a votos os portugueses e os outros partidos.

E este governo chega a 2026?

Eu acho que eles teriam uma maioria absoluta e eu acho que em todas as condições, eu não sei que claro que aconteça, algo que nós não conhecemos ou é a nossa realidade, nem que estava, espera-me, por exemplo, uma pandemia, esse tipo de coisas, sim, agora, com base nesses casos, esses casos têm que realmente sossegar, têm que parar de haver estes erros amadores de um governo que está desde 2015 em funções, não é o mesmo governo, mas o core está desde 2015, mas, com base nesses casos, acho que nunca pode ser razão para detectarmos um governo abaixo pelo bem do país pela estabilidade política.

Fica a dica do André Ebreu para o governo socialista e vamos passar para outros dois temas, os temas finais, vamos terminar com um toque fós, bastante rápido, e começamos pela entrada em vigor da Agenda do Trabalho Digno, que entrou em vigor no dia 1 de maio, curiosamente dia do trabalhador, são cerca de 70 medidas que passam também pela valorização dos jovens no mercado de trabalho.

André Ebreu, é uma aposta-ganha por parte do governo e também da ministra da Mendes Guzim.

É uma aposta-ganha por parte do governo, são medidas que, eu e Daniel temos disto em comum, os direitos do trabalhador são os que nos são caros, portanto são medidas que o nosso país e os trabalhadores reclamavam já há muito tempo, porque são medidas que contêm da mesma questão da indignada humana, falam das medidas da precariedade, uma medida para mim é essencial para os jovens, agora os estudantes vão poder acumular as bolsas com a comuneração até 14 salários mínimos, ou então o trabalho no verão, eu pude contactar com colegas na faculdade que tinham que trabalhar ao mesmo tempo que estudavam e não podiam descontar, porque se o fisco soubesse, o racional soubesse descontava, perdia o direito à bolsa. Quer dizer, nós sabemos que as bolsas são largamente insuficientes para aquilo que são os estudantes, mas desta medida é essencial e é de valorizar a precariedade, a igualdade, a parentalidade, é criar a igualdade na parentalidade, permitindo que o homem e a mulher assumam um papel primeiro que queiram assumir, mas que é um papel cada vez mais dividido para não perpetuar estereótipos essenciais.

O reforço da ACT, porque eu acho que o grande problema em Portugal e do trabalho não é a nossa legislação, porque é uma legislação acho que até protege os trabalhadores, é a sua fiscalização e é realmente aluvantemente coimas, mas deixa-me dizer que a gente trabalha de que para mim só procou por uma coisa, a construção jurídica.

O diploma que alterou o código de trabalho é um diploma que a meu ver não foi feito por os juristas.

Tem normas que são normas interessantes, mas pela forma como estão construídas e redigidas,

vão torná-las completamente insuportáveis.

Uma crítica na menos Godinho?

Não, daria que não ia a na menos Godinho, porque nós sabemos que o processo também passou por a Assembleia da República, passou pelo governo, passou por uma série de entidades, portanto não consigo lupar ninguém.

Agora, a verdade é que um diploma tão importante, com medidas tão importantes, como nós vamos aqui e o Daniel também acho que irá apontar algumas delas, não poderia e não merecia ter este tipo de redação legislativa.

Daniel Ferreira, a agenda do trabalho digne é apenas uma agenda com um nome bonito, como diz o PCP.

Sim, dando uma resposta curta, mas dando uma maior acho que tem lá obviamente alguns paliativos, não é?

Até foi anunciado ano de 1 de maio e tudo mais, e tem lá algumas vantagens das quais eu próprio vou usufruir.

Agora, há equipontos essenciais onde a agenda do trabalho digne não toca, a caducidade da contratação coletiva continua e não é combatida, o fim da desregulação dos horários não tem ali um caminho, tal como o fim da impusição dos turnos, não se abre um caminho, por exemplo, para as 35 horas, não sendo apenas no setor público, mas em todos os setores, os 25 dias de férias para todos os trabalhadores são coisas que são de facto essenciais e nas quais se despeleu não se tocar nesta agenda do trabalho digne, porque agora com estes paliativos ganham-se mais um balão de oxigênio, que já dá, em princípio, para mais uns anos.

E também por isso os trabalhadores não podem desarmar, mas isso é outra conversa.

Portanto, pontos positivos, os contratos temporários a termos só podem ser renovados quatro vezes, e não seis, como acontece agora, se uma empresa fizer um despedimento coletivo fica também impedida de recorrer ao outsourcing.

A questão das licenças de paternidade, também, tudo mais.

Portanto, são estes pontos positivos que destacas?

Sim, sim, são estes pontos positivos e certamente cá mais, porque afinal de contas é uma agenda, não é uma folha.

Exatamente.

Exatamente.

Mas sinto que aqui há muitas medidas essenciais nas quais, obviamente, para opção política, se escolheu não tocar e, por exemplo, eu, à pouca edita, me esquece de referir a garantia efetiva dos direitos indicais para os trabalhadores, que é algo que, em Portugal, ainda os trabalhadores

sentem um bocadinho de intimidade para sindicalizar, a culpa não é a pena dos inters sindicais, ao contrário do que muitas vezes se diz, que era seja de uma, que era seja de outra, e por isso acho que ficou também essa grande falha.

Neste plano, à medida muito interessante, agora vai ser permitido às instituições sindicais, aos legados sindicais, a cederem a espaços de empresas onde não há nenhum trabalho do sindicalizado, anteriormente era proibido por lei, portanto, só se tivéssemos um trabalhador na empresa, que a instituição sindical poderia participar, hoje já pode

[Transcript] TSF - Minoria Absoluta - Podcast / A Europa e os jovens, Marcelo e Costa. A análise com André Abraão e Daniel Ferreira

e tendo até as instalações, a fazer reuniões, a fixar o tipo de documentação e acho que isso é essencial para a atividade de sindical e para tentar gariar cada vez mais associados. E da agenda do trabalho digo, no passamos para a eutanásia que foi aprovada no Parlamento na sexta-feira contra a vontade do Marcelo, PS, Bloco de Esquerda, Iniciativa Liberal e PAN, e também alguns deputados do PSD obrigaram o presidente a promulgar o diploma, ou vão obrigar-te, nem quanto a que Marcelo ainda não o promulgou, André, os deputados fizeram o que tinha de ser feito?

Absolutamente, a morte medicamente assistida já debatemos aqui, no interior programa, e está há mais do que tempo de entrar à resolução invigor e temos, uma vez por todas, a morte medicamente assistida, por uma razão muito simples.

Foi associada a fiscalização preventiva, resolvidos problemas constitucionalmente relevantes, Marcelo vetou politicamente, portanto achou que já não existiam normas constitucionalmente violadas, agora que há uma confirmação do diploma, portanto, este diploma voltou à Assembleia e volta para o Marcelo, em tocado, e volta em tocado, claro, tem que haver esta promulgação.

Agora há um debate de jurídica interessante, que a Constituição obriga Marcelo em oito dias a promulgar, e se não houver a promulgação de diploma, ela é inexistente, porque como não existe isso, nunca tivesse existido, não existe todo.

O que é que acontece se o presidente da República não promulgar?

Isso não será feito, porque o presidente da República já disjurou a Constituição e entende.

O que acontece é que podia ser um assunto interessante, por exemplo, se lago o vetro, se uma teoria mirabolante da objeção de consciência, que a pessoa personada é só aplicada a funcionários públicos, mas isso não se colocará e, felizmente, Marcelo reconheceu o seu papel constitucional e terá que promulgar.

No entanto, deixamos já perguntar-te se a fiscalização sucessiva, que tente o PSD como chega já garantiram que vão avançar com ela, se não te deixe um bocadinho com algum receio.

De todo, de todo, porque o Tribunal Constitucional já se pronunciou preventivamente, apontou algumas questões, essas questões foram sanadas no âmbito da Assembleia da República e, portanto, pode vir a fiscalização sucessiva, quiserem, podem vir sucessivas, fiscalizações sucessivas.

O Tribunal Constitucional não se poderá pronunciar, só periga até de estar a ir contra algo que já se pronunciou no passado.

Daniel, é uma lei que levanta dúvidas?

Acho que aqui há uma questão que pode ser analisada de duas perspectivas.

Ou seja, eu consigo compreender que alguém veja na Assembleia da República, num certo projeto de lei, razões para votar contra, não razões moralistas, porque, obviamente, essa mentalidade um bocadinho católica não é algo que mexemos muito, mas vejo que se possa encontrar, por exemplo, nas falhas de musculidades politivas, alguma razão para votar contra a lei.

Agora, enquanto Presidente da República, os vetos sucessivos, eu honestamente não os compreendi.

[Transcript] TSF - Minoria Absoluta - Podcast / A Europa e os jovens, Marcelo e Costa. A análise com André Abraão e Daniel Ferreira

Do ponto de vista do Tribunal Constitucional não sei, eu não sou constitucionalista, nem sequer percebo nada de direitos ou duas cadeiras na faculdade, mas do ponto de vista do Presidente da República, há novas razões, a não ser, obviamente, políticas e moralistas, para no fundo vetar esta lei.

Para o português comum também, se calhar, foi um pouco incompreensível todo este debate que levou muitos, muitos anos, com aprovações na Assembleia e depois sempre com vetos por parte do Presidente.

É possível e isso até me permite tocar uma questão que eu queria tocar há um bocadinho, mas esqueci-me, que é a do... o Presidente da República está no seu segundo mandato, Marcelo Rebelo de Souza.

E normalmente, na história da democracia portuguesa, nos segundos mandatos, os Presidentes da República

tendem, no fundo, usando assim uma expressão popular, sair mais da casca e mostrar mais a sua veia política e ter um bocadinho... ser um bocadinho mais, de certa forma, apertar mais o governo.

Isso aconteceu com Mário Soares, aconteceu com Jorge Sampaio, aconteceu também com Cavaco Silva, e acontece agora com Marcelo Rebelo de Souza.

E com Ramalhenos, aconteceu ainda, perante, de uma forma mais flagrante.

E, por isso, acho que esta questão do Presidente de Poder ter posições como tem, por exemplo, relativamente aos vetos à lei da morte medicamente assistida, é mais uma prova disso e é algo que tem acontecido sucessivamente e se me permitem aqui ainda acrescentar duas coisas.

Há aqui outra área que eu sinceramente não percebo, que é muito usada pela direita política, que é da necessidade de fazer um referendo.

Eu sou contra qualquer tipo de referendo de direitos individuais, porque não acho que seja algo referendável, seja meus quais forem, seja qual for a minha posição.

E, por isso, para mim, a questão dos vetos do Presidente da República e a questão de pedir um referendo, para mim são mais...

E, agora, deixam-me também perguntar-te, como é que ves esta ação da direita para pedir uma fiscalização sucessiva ao documento que já foi aprovado?

É uma posição política da direita que, não conseguindo que a sua posição vingasse no Fundo da Assembleia da República, porque existe uma maioria confortável a favor da morte medicamente assistida, está a tentar recorrer a outras instituições.

Eu não compreendo, mas é válido, e se há a direita o querem fazer, pronto, que façam, mas eu acho que não vai ter grandes resultados práticos.

E o André já disse que essa fiscalização sucessiva não o deixa com receio.

É assim que terminamos, o minoria absoluta desta semana com o trabalho técnico habitual do João Félix Pereira, que não é sub 35, mas faz parte do programa também habitualmente. O programa está disponível nas plataformas habituais da podcast e também em itsf.upt.